



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

DARLAN FRANCISCO SOARES

**O POLÍTICO: A DITATURA CIVIL-MILITAR NA VOZ DE CHICO
BUARQUE DE HOLANDA**

ERECHIM

2017

DARLAN FRANCISCO SOARES

**O POLÍTICO: A DITATURA CIVIL-MILITAR NA VOZ DE CHICO
BUARQUE DE HOLANDA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em
História da Universidade Federal da Fronteira Sul –
Campus Erechim.
Orientador: Gerson Severo

ERECHIM

2017

DARLAN FRANCISCO SOARES

**O POLÍTICO: A DITATURA CIVIL-MILITAR NA VOZ DE CHICO
BUARQUE DE HOLANDA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Severo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo

Prof^a. Dra. Isabel Rosa Gritti

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

Dedico este trabalho de conclusão a minha mãe, que, apesar de tantas barreiras, sempre me incentivou e não mediu esforços para que eu vencesse esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

No decorrer desta jornada, muitas pessoas foram essenciais na minha vida. Não posso citar nomes pois foram muitas que, de alguma forma, contribuíram muito na minha formação, tanto pessoal quanto profissional em educação. Agradeço a todos os docentes do Colegiado de História, os funcionários da Universidade e a todos os colegas de turma e colegas de curso. Um agradecimento muito carinhoso ao meu orientador Prof. Dr. Gerson Severo que, apesar das adversidades, conduziu muito bem todo o processo de orientação. A todos os meus amigos que estiveram ao meu lado e aguentaram as incansáveis conversas sobre o TCC. Por fim, porém não menos importante, agradeço a minha família, que é a base de toda a minha caminhada e que se hoje estou concluindo esta etapa foi graças ao incentivo e dedicação deles.

RESUMO

A Ditadura Civil Militar (1964-1985) e sua superação histórica constituem momento importante para a construção do Estado democrático de direito sob o qual o país vive atualmente. Com o Regime Militar exercendo preeminência sobre a política, economia, sociedade e cultura no Brasil, o confronto entre ideologias foi inevitável. O governo procurou silenciar de forma violenta e desumana todos aqueles que lutavam contra o sistema de intolerância e de total repressão e censura. Diante de tanta repressão e violência, no ambiente artístico e musical fez-se necessário estabelecer estratégias para confrontar o governo e conseguir escapar à censura, e Chico Buarque de Holanda apresentou-se como um nome importante na luta contra o regime. Esta pesquisa aborda a figura desse artista, cantor e compositor, bem como uma contextualização sobre a história do regime Civil Militar no Brasil. A obra de Chico Buarque se destaca pela influência que suas canções tiveram no imaginário social e pela capacidade de expressar o sentimento de uma sociedade que estava silenciada pela violência e pela repressão.

Palavras chave: Ditadura. Censura. Chico Buarque.

ABSTRACT

The Military Civilian Dictatorship (1964-1985) and its historical overcoming compose an important moment for the construction of the democratic state under which the country currently lives. With the military regime exercising primacy over politics, economy, society and culture in Brazil, the clash between ideologies was inevitable. The government sought to silence violently and inhumanly all those who fought against a system of intolerance, complete repression and censorship. Against such repression and violence, in the artistic and musical environment it became necessary to establish strategies to confront the government and escape censorship, and Chico Buarque de Holanda presented himself as an important name in the fight against the regime. This research addresses the image of this artist, singer and songwriter, as well as a contextualization of the history of the military civilian regime in Brazil. The work of Chico Buarque is highlighted by the influence his songs had in the social imaginary and by its ability of expressing the feeling of a society that was silenced by violence and by repression.

Keywords: Dictatorship. Censorship. Chico Buarque.

Sumário

1. Introdução	9
2. O Regime Opressor	12
3. Música e Ensino de História.....	18
4. Buarque-se.....	24
5. Análise de Canções	32
6. Conclusão.....	37
7. Referências Bibliográficas	38

1. Introdução

Estamos há exatos 53 anos do golpe civil militar no Brasil, data esta que nos remete a um período difícil de nosso passado recente, uma vez que passar por uma ditadura significa viver momentos de extrema incerteza com relação a diversos aspectos da vida da Nação e dos brasileiros, como, por exemplo, aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Como estamos tratando de uma ditadura, podemos dizer que passamos pela imposição de um sistema de governo: elementos como a repressão e a censura constituíram características predominantes do regime. Ideologias adversárias ficavam submissas aos mais variados tipos de violência e repressão, e, portanto, a liberdade de expressão neste período é praticamente nula. A legislação e os atos de censura eram bastante impositivos e significativos, e englobavam vários aspectos sociais e culturais, sendo que toda forma de manifestação que não estivesse dentro do que o regime permitia era entendida como subversão.

No interesse desta monografia, é necessário ressaltar o quão perverso foi esse período da história do Brasil. Não se tratava apenas de uma luta contra um governo golpista, ilegítimo, mas da luta contra a violência que o regime vinha implantando contra a oposição e o povo. Muitas vidas foram tiradas por não haver concordância com a política imposta pela ditadura, e muitíssimas pessoas foram vítimas de tortura. A elite dominante no Brasil, nesse momento, é quem financiava a manutenção do modelo de governo: o pensamento político que essa burguesia tinha era o de que só com este modelo de governo é que se obteria crescimento econômico e ordem social.

... a base da pirâmide do autoritarismo e do sistema de imposição da vontade absoluta dos governantes. No topo existiam os Atos Institucionais, o SNI, o Conselho de Segurança Nacional, as altas esferas do poder. Na porção intermediária da pirâmide, toda a estrutura jurídico-política de repressão e controle: LSN, Lei da 17 Imprensa, inúmeros instrumentos legais de exceção. Pouco acima da base, a Justiça Militar “legalizando as atrocidades dos inquéritos, ignorando as marcas das torturas, transformando em decisões judiciais aquilo que os órgãos de segurança arrancavam dos presos políticos mediante pressões que iam da intimidação para que confessassem, até ao limite dos assassinatos seguidos de desaparecimento dos cadáveres (ARNS, 1985, p.203).

Arns descreve bem como o modelo de governo encontrava-se constituído nesse período: a imposição de medidas era a principal regra da ditadura, governando na base

do medo, promovendo a legitimação da alienação da sociedade e cultivando o discurso de que somente assim o Brasil viria a se desenvolver —o que, porém, só ocorreria às custas de muita violência e repressão social. As torturas nesse momento eram um procedimento de rotina, e a imposição das ideias do governo eram a principal medida para conseguir controlar a oposição e dominar a população. O autor acima citado descreve também as formas de “leis” que o regime civil militar adotava: um deles foi o célebre AI-5 (Ato Institucional número 05), que concedeu plenos poderes ao poder Executivo, fechando o Congresso Nacional, Câmaras e Assembleias que deliberavam sobre como o Brasil deveria ser conduzido desde a perspectiva legislativa.

Nesse momento, no auge dos decretos e sanções repressivos, as classes estudantil, intelectual e artística da época já se movimentavam e lutavam contra o regime. A participação popular também deu muito ânimo e força para a luta contra a repressão, censura e violência institucionalizadas no país. A censura teve papel fundamental para o controle ideológico, como afirma Garcia (1982), uma vez que a proibição de conteúdos que eram tidos como subversivos era gigantesca. Surgem figuras bastante emblemáticas na luta contra o regime, que são os artistas consagrados da música popular brasileira, os quais através e a partir dos festivais¹ conseguiam erguer a bandeira de luta contra a repressão e o Estado ditatorial. Um dos nomes considerados muito influentes nessa luta, e comumente considerado o principal, é o de Chico Buarque de Holanda, artista que ergueu a bandeira da oposição através de suas canções contra a ditadura e contra a violência que ela trazia consigo.

As canções de Chico Buarque são a base da construção deste trabalho, uma vez que temos a intenção de estudar qual a importância que teve toda a sua obra na luta contra a repressão e censura durante a Ditadura Civil Militar. As canções de Chico são notavelmente expressivas no que tange à luta contra a censura. As imagens, alegorias e metáforas usadas nas letras de suas canções constituíram formas “disfarçadas” de dizer para a sociedade que o regime era nocivo. A obra que Chico Buarque escreveu e ainda

¹Os anos 1960 foram de grande efervescência para a música brasileira. A bossa nova surgia como uma forma de cantar e tocar os sambas brasileiros. Além disso, novos movimentos e compositores surgiram no contexto marcado pela presença da ditadura militar. Em meio à repressão e ao intenso controle do Estado sobre as produções artísticas do período, surgiram os Festivais da Música Popular Brasileira, concursos de canções que reuniam os principais artistas da época. Com enorme sucesso entre o público, os festivais eram mais do que eventos musicais. Suas canções expressavam os ideais da juventude da época, ansiosa por mudanças políticas e de comportamento. Mesmo diante de um contexto com privação de liberdades, os festivais faziam ecoar a oposição à ditadura. Memórias da Ditadura. **Canção Popular e Resistência.** Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/sequencias-didaticas/cancao-popular-e-resistencia/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

escreve constitui para a construção cultural do Brasil, sem dúvidas, um patrimônio, e o estudo de suas canções permite-nos afirmar que através de seu trabalho houve uma importante transformação no que diz respeito à luta contra a Ditadura Civil Militar.

O conteúdo político de suas canções, que serão analisadas em um capítulo específico, é visível com o passar dos anos cruciais da ditadura, sobretudo de 1968 em diante. Consequentemente, suas músicas, inúmeras delas, foram censuradas, e Chico foi perseguido, preso e exilado por conta de sua veia militante. Chico nos diz que as canções reafirmavam a temática social e toda a dificuldade política que o Brasil vivenciava naquele instante. (BUARQUE, 2007)

Portanto, este projeto irá trazer uma reflexão acerca da Ditadura Civil Militar como um todo, e também uma análise das canções de Chico Buarque de Holanda e sua influência na luta contra a repressão e violência da Ditadura Civil Militar.

2. O Regime Opressor

Na tortura, o corpo volta-se contra nós exigindo que falemos. Da mais íntima espessura de nossa própria carne, se levanta uma voz que nos nega, na medida em que pretende arrancar de nós um discurso do qual temos horror, já que é a negação de nossa liberdade. O problema da alienação alcança, aqui, o seu ponto crucial. A tortura nos impõe a alienação total de nosso próprio corpo, tornando-o estrangeiro a nós, e nosso inimigo de morte. (...) O projeto da tortura implica numa negação total - e totalitária - da pessoa, enquanto ser encarnado. O centro da pessoa humana é a liberdade. Esta, por sua vez, é a invenção que o sujeito faz de si mesmo, através da palavra que o exprime. Na tortura, o discurso que o torturador busca extrair do torturado é a negação absoluta e radical de sua condição de sujeito livre. A tortura visa ao avesso da liberdade. Nesta medida, o discurso que ela busca, através da intimidação e da violência, é a palavra aviltada de um sujeito que, nas mãos do torturador, se transforma em objeto. (ARNS, 1985, p. 282)

A efervescência no âmbito político que assolou o Brasil antes do golpe de 1964 é caracterizada por uma instabilidade significativa na sociedade e pelas transformações sociais e culturais que acompanhavam toda essa mudança. Após a renúncia de Jânio Quadros, João Goulart assume a presidência do país em meio à iminência de um possível golpe.

Cabe ressaltar que, na época, a Constituição de 1946 permitia que se elegeisse² presidente e vice separadamente. Por se tratar de uma eleição com votação separada para presidente e vice, as ideologias de Jânio Quadros e de João Goulart eram inteiramente diferentes, e a sua posse deste último não foi nada tranquila, pois a conspiração militar contra a sua posse já se havia iniciado.

²Jânio da Silva Quadros sucedeu ao Presidente Juscelino Kubitschek. Foi eleito em outubro de 1960 com uma expressiva vitória. Mas seu governo durou poucos meses, provocando uma crise política, que culminaria mais tarde no Golpe Militar. Nesta eleição, em 1960, os principais nomes para a disputa foram: Marechal Teixeira Lott pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), tendo como vice João Goulart; Ademar de Barros, político forte em São Paulo e um candidato populista inovador, Jânio Quadros. Jânio obteve o apoio da UDN (União Democrática Nacional) e alcançou êxito com um discurso de moralização. Ao final do governo de JK, o país enfrentava sérios problemas advindos da chamada política desenvolvimentista. A inflação atingia 25% ao ano e a dívida externa era exorbitante. Com o slogan “varre, varre, vassourinha, varre a bandalheira”, Jânio empolgou a população, prometendo acabar com a corrupção, equilibrar as finanças públicas e diminuir a inflação. Para ganhar ainda mais simpatia dos eleitores, o candidato costumava andar com roupas amassadas e carregar sanduíche de mortadela nos bolsos. Jânio Quadros venceu com mais de 6 milhões de votos. Entretanto, o vice-presidente eleito foi João Goulart. A Constituição de 1946 previa a votação para Presidente e vice, separadamente. Vale lembrar, que os dois candidatos representavam partidos e ideias diferentes. Info Escola. **Governo Jânio Quadros.** Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/governo-de-janio-quadros/>> Acesso em 10 de janeiro de 2017.

Essa tensão causada pelo veto militar eclodiu nas ruas, onde se fez necessário lutar pelo cumprimento da Constituição e garantir a posse de João Goulart³. O período do governo Jango foi de intensa discussão política com toda a sociedade.

A posse de Jango, marcada pela vitória da Campanha da Legalidade, conferiu ânimo aos grupos nacionalistas e de esquerda que colocaram, na ordem do dia, a pauta das reformas estruturais. Entre as principais reformas estavam as reformas fiscal, administrativa, universitária e, principalmente, a reforma agrária. Do programa de reformas faziam parte também políticas nacionalistas, como o controle sobre o capital estrangeiro e o monopólio de setores estratégicos da economia. Entre todas estas bandeiras, a reforma agrária era a mais contundente. (ARAÚJO, SILVA, SANTOS, 2013, p.12).

Em 31 de março de 1964, com Jango deposto, o novo regime começava a ser consolidado e a governabilidade se daria através de decretos chamados Atos Institucionais (AI). No dia 9 de abril de 1964, foi baixado o Ato Institucional Número 1⁴, alterando o funcionamento do congresso nacional e conferindo-lhe limites. O Ato também foi responsável por cassar a imunidade parlamentar, suspender direitos políticos, estudantes ligados à UNE⁵ foram perseguidos e viram-se obrigados a trabalhar na clandestinidade, assim como diversos militantes de partidos políticos de esquerda e de sindicatos. A violência que o presidente Castelo Branco tentava encobrir era evidente, e mesmo havendo a investida em termos de propaganda para preservar a imagem de o governo militar como positivo, as torturas para obter informações foram um método contumaz utilizado pelo regime militar, em um crescendo a partir da consolidação do regime.

³João Belchior Marques Goulart, ou simplesmente Jango, como era conhecido, governou o país de setembro de 1961 a março de 1964. Nasceu em São Borja, no Rio Grande do Sul. Entrou para a política com o apoio de seu conterrâneo e amigo particular, Getúlio Vargas. Seu primeiro cargo público foi como Deputado Federal, em 1950. Logo depois foi Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio no segundo governo de Vargas. Como Ministro, ele concedeu muitos benefícios aos trabalhadores, inclusive aumentou o salário mínimo em 100%, fato que provocou sua renúncia, pois desagradou a muitos empresários. Jango venceu duas eleições como Vice-presidente da República, sempre pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). A primeira vitória foi como segundo de Juscelino Kubitschek, em 1955. Após cinco anos, foi eleito vice de Jânio Quadros. Info Escola. **Governo de João Goulart (Jango)**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/governo-de-joao-goulart-jango/>>. Acesso em 07 de junho de 2017.

⁴ O AI-1 foi baixado a 9 de abril de 1964, pelos comandantes do exército, da Marinha e da Aeronáutica. Formalmente manteve a Constituição de 1946 com várias modificações, assim como o funcionamento do congresso. Este último aspecto seria uma das características do regime militar. (FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 463).

⁵ A UNE é a entidade máxima dos estudantes brasileiros e representa cerca de seis milhões de universitários de todos os 26 Estados e do Distrito Federal. A universidade é um ambiente onde a juventude brasileira tradicionalmente se organiza em torno de visões, opiniões e vontades comuns. Movimento estudantil é o nome dessa atividade que envolve tanto a organização de uma festa como a participação numa passeata, a criação de uma empresa júnior ou a representação política para debater o país. Em meio a esse processo, os estudantes vão se organizando em entidades representativas como DAs (diretórios acadêmicos), CAs (centros acadêmicos), DCEs (diretórios centrais), uniões estaduais de estudantes e executivas nacionais de cursos. A união destas organizações forma, há mais de 70 anos, a UNE. **A UNE**. Disponível em <<http://www.une.org.br/>>. Acessado em 07 de junho de 2017.

A ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) é um momento histórico bastante presente na memória da história contemporânea nacional, pois foi um período de extrema violência, de autoritarismo e de muita censura e repressão, onde o regime militar obteve, ou pelo menos tentou obter, total poder sobre a economia, política e cultura do país. Com a criação da SNI ⁶, a caçada a movimentos sociais, artísticos, políticos, estudantis e de uma forma geral a toda parcela da sociedade que não concordava com essa forma de governo, se intensificou.

Nesse período o Brasil contava com movimentos político-sociais muito bem organizados e engajados na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Todas as entidades representativas da sociedade, porém, foram asfixiadas pela violência e truculência ditatorial, e o regime dialogava com a sociedade no sentido de assegurar o crescimento econômico e o capitalismo e suprimir o avanço das ideias socialistas ou comunistas, ou de ideais identificados como de esquerda de uma maneira geral, em nossa sociedade. Como podemos ver no discurso de posse de Castelo Branco,

Promoverei sem desânimo nem fadiga o bem-estar geral do Brasil. Não medirei sacrifícios para que esse bem-estar se eleve, tão depressa quanto racionalmente possível, a todos os brasileiros, e particularmente àqueles que mourejam e sofrem nas regiões menos desenvolvidas do país. A arrancada para o desenvolvimento econômico, pela elevação moral, educacional, material e política, há de ser o centro das preocupações do governo. Com esse objetivo, o Estado não será estorvo à iniciativa privada; sem prejuízo porém, de imperativo de justiça social devida ao trabalhador, fator indispensável à nossa prosperidade. Até porque estou entre os que acreditam nos benefícios de uma constante evolução, capaz de integrar em melhores condições de vida um número cada vez maior de brasileiros, muitos deles infelizmente ainda afastados das conquistas da civilização. Caminharemos para a frente, com a segurança de que o remédio para os malefícios da extrema esquerda não será o nascimento de uma direita reacionária, mas o das reformas que se fizerem necessárias. (BONFIM, 2004)

É clara e evidente a proposta contida no discurso, ou seja, a ideia permanente é alavancar a economia brasileira, porém suprimindo os direitos políticos. A questão de valorizar o trabalhador contida no discurso é algo que na prática não se verificou, uma vez que o interesse é claro no sentido de que país possa entrar em pleno desenvolvimento econômico sem, no entanto, que isso signifique que o trabalhador participaria desse desenvolvimento, uma vez que os seus direitos lhe estão sendo retirados. O regime militar começa a suprimir os sindicatos e reprimir a sua atuação, e o direito do trabalhador começa a ficar comprometido, favorecendo o empresário. Ferreira

⁶ [...] Em junho de 1964, o regime militar deu um passo importante no controle dos cidadãos, com a criação do Serviço Nacional de Informações (SNI). Seu principal idealizador e primeiro chefe foi o general Golberi do Couto e Silva. O SNI tinha como principal objetivo expresso “coletar e analisar informações pertinentes à segurança nacional, à contrainformação e à informação sobre questões de subversão interna”. [...]. (FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 468).

e Delgado salientam que a modernidade capitalista vinha se consolidando a partir da “modernização conservadora”, associada ao capitalismo internacional, o que fortalecia o poder autoritário e a ausência de políticas permanentes para desenvolver o trabalho e a cidadania.

Diante da proposta antidemocrática, voltada apenas para o poder dos generais, da burguesia e do capital, o povo começa a ficar sem opção e a sofrer com a truculência da ordem militar. As perdas que o Brasil sofre nessa fase de sua história são incalculáveis no que tange à cultura e à vida cultural e social da população.

A arte no Brasil durante o regime militar sofreria de forma brutal com as consequências da ditadura. Artistas seriam obrigados a se exilarem e suas obras seriam censuradas, homens e mulheres eram “convidados” a se retirarem do território brasileiro, pois eram vistos como ameaças para a ordem política repressora. Entre esses exilados: dramaturgos, professores e, principalmente, os músicos que recebiam o título de porta-voz de uma nação dominada pelo medo. Alguns até os dias atuais não se sabe o paradeiro, provavelmente foram mortos por defenderem um ideal que não condizia com os moldes do momento. (MATOS, 2011, p. 2)

Diante da repressão imposta pelo regime ditatorial, artistas, estudantes e demais movimentos sociais organizam-se para lutar contra a crueldade e a severidade com a qual o regime tratava a sociedade como um todo, especialmente a oposição. O governo, por sua vez, diante da crescente rebeldia dos movimentos contrários à ditadura, começou a agir para neutralizar o crescente movimento e assegurar o seu regime intacto e eficiente sob a ótica arbitrária e conservadora. A censura sistemática é introduzida como um mecanismo importante para assegurar a ordem da ditadura e conseqüentemente suprimir os movimentos contrários a ela. Nesse sentido, nada, e, sob hipótese alguma, qualquer material, seja impresso ou falado, poderia dar a ideia de crítica ao governo militar. Assim, “os artistas não tardaram a organizar protestos contra a ditadura em seus espetáculos” (FERREIRA e DELGADO, 2013, p.143).

O Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968, especialmente, significou uma espécie de ápice do método da censura. A perseguição a grupos que se colocaram contra o regime se tornou ainda mais violenta, e muitas pessoas foram presas e torturadas, tidas agora legalmente como terroristas pelo regime ditatorial. Muitas outras, também, foram perseguidas e desapareceram por lutar e estar do lado da sociedade que queria o fim do regime. Políticos, sindicalistas e artistas foram caçados e torturados. Jornais, músicas, peças teatrais e filmes foram fortemente censurados.

Pode-se, assim, ter uma ideia do que acontecia com quem lutava contra o regime. Porém, mesmo correndo imensos riscos, os movimentos contra ditadura

mantinham-se fortes e articulados, unidos desde um único objetivo, o de garantir o direito a um Estado Democrático.

A centralização do poder, para as Forças Armadas, decorre de uma manobra para que a sociedade brasileira acreditasse que essa seria a melhor forma de alavancar a economia e acabar com o que consideravam uma crise institucionalizada, e governar claramente para a burguesia, neutralizando os movimentos sociais que se opunham a esse modelo de governo. Borges afirma que o golpe e a manutenção deste tem conexões com os Estados Unidos, por meio da Doutrina de Segurança Nacional. A subordinação aos termos dessa doutrina ocorre, então, contra uma política democrática e de participação do povo.

A tentativa de doutrinação vinha através da propaganda de que o regime seria a melhor saída para o Brasil. A frase “*ame-o ou deixe-o*” muito usada pelo presidente Médici, ilustrava a forma pela qual o regime encarava a oposição. Ao mesmo tempo, censurava livros, músicas, peças de teatro, artigos de jornal, filmes, propagandas e tudo aquilo que o governo julgava ser subversivo ou que não era em “benefício a nação”. A passagem de Emílio Garrastazu Médici – outubro de 1969 a 15 de março de 1974 – pelo poder é lembrada pela bibliografia como uma das mais repressivas da história do Brasil. O governo, nesse momento, obtém algumas vitórias, pois, através de sua violenta perseguição, alguns líderes oposicionistas importantes começam a ser assassinados. Também, a ideologia de um país melhor e com uma economia próspera começa a se perpetuar: advém o chamado “*milagre brasileiro*”, que, entretanto, Bóris Fausto nos lembra ter sido impulsionado pela situação da economia mundial naquele momento, e também pela facilidade de países em desenvolvimento conseguirem empréstimos externos.

O sucessor de Médici, Ernesto Geisel (1974-1979)⁷ foi escolhido por desempenhar um trabalho administrativo considerado “admirável”, e também por não ser um integrante da chamada “linha dura” do regime, mas isso não significaria que a repressão totalitária do regime iria retroceder – pelo menos nos primeiros momentos de seu governo. Pelo contrário, nesse momento o interesse da repressão era o de ocultar os

⁷ Geisel nasceu no Rio Grande do Sul, filho de um alemão protestante luterano que imigrou para o Brasil em 1890, tornando-se professor. Ao lado da carreira no exército, o general ocupava postos administrativos, sendo o mais importante o de presidente da Petrobrás. Tinha também os olhos postos na política. Colaborou com o governo Dutra e ajudou a formular o compromisso que a posse de João Goulart em 1961. Suas ligações com o grupo castelista eram notórias, como membro do corpo permanente da ESG e chefe da casa militar de Castelo Branco. Nesse cargo, contribuiu para manter a “linha dura” a distância. (FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 474-475 e 488).

efeitos da tortura e da censura institucionalizada. Os movimentos de luta contra a ditadura, porém, se consolidavam e cresciam cada dia mais. A popularidade dos festivais de Música Popular Brasileira iria trazer uma nova frente de luta contra a censura, a repressão e a tortura. Mesmo com o discurso dos repressores no sentido de justificar seus atos para censurar canções, manifestações e atos, uma parcela crescente da sociedade passava a acreditar que dias melhores eram possíveis, e que a luta daqueles que estavam sendo mortos ou que se encontravam desaparecidos não passaria em branco.

O poder propagador dos festivais, através das letras das canções, e da figura de seus intérpretes e compositores, davam um novo gás à oposição e representavam uma forma inteligente de combater a violência através da música. Um dos grandes compositores e intérpretes engajados na luta contra a ditadura era Chico Buarque de Holanda, o músico que teve o maior número de canções censuradas pelo regime. A popularidade, a postura política e a já reconhecida qualidade da obra de Chico perturbavam os censores, mas a crítica e o público o aclamavam, e suas canções guardam ainda hoje ecos daquele momento histórico.

E juntamente com todo esse movimento artístico, estudantil, sindical e de tantos outros movimentos sociais, o Brasil avança entre a “abertura” e a força de uma oposição crescente, chegando à presidência do General João Baptista Figueiredo (1979-1985), que começa a desenhar um retorno da democracia ao país. Com o fim do AI-5 e a Lei de Anistia, de 1979, os exilados retornam aos poucos ao Brasil. Contudo, ainda existe repressão e censura - embora o movimento contra a ditadura esteja cada vez mais forte, uma vez que inúmeros políticos afastados da institucionalidade retomam as suas vidas públicas na luta pelo Estado Democrático de direito. O movimento “*Diretas já*”, de 1984, mesmo não tendo sucesso no que diz respeito à aprovação da emenda constitucional que instituiria o processo eleitoral direto (a emenda Dante de Oliveira). O novo momento democrático vem com a eleição indireta de Tancredo Neves que, no entanto, morre antes de assumir. Seu vice, José Sarney, assume a presidência, marcando o fim da Ditadura Civil Militar no Brasil.

3. Música e Ensino de História

*E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago (HOMEN, 2009, p. 70)*

O professor da disciplina de História hoje enfrenta muitos desafios em sala de aula, tanto pela falta de interesse generalizada dos alunos, como pela falta de estrutura que muitas escolas possuem, sobretudo no sistema público de ensino. Com esse quadro em vista, propomo-nos estudar novas metodologias para a prática do ensino de história, envolvendo a música.

O desafio de tornar a disciplina de História mais renovada, mais atrativa e inteligível em sala de aula, exige cada vez mais uma atualização dos métodos de ensino usados por parte do professor – esforço que, em parte, já vem ocorrendo. O dinamismo das gerações atuais de estudantes não pode ser ignorado, e sim aproveitado pelo professor de história de forma eficiente e que possibilite um melhor entendimento do conteúdo.

Assim, o uso da música tem sido cada vez mais frequente em sala de aula, transformado a atmosfera de ensino e atraindo a atenção dos estudantes para uma nova forma de ver a história. Góes afirma:

[...]a abordagem da música nas aulas de História não deveria ser feita apenas no que tange ao século XX, uma vez que, hoje, com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação, temos acesso à grande parte da música desde o Medievo, quando a escrita musical começou a ser desenvolvida.

Com isso, temos de ter em mente que, o ensinar história através da música, não se deve tratar apenas da história do Brasil, mas sim de várias outras possibilidades. Essa sensibilidade do professor fará com que o método de ensino-aprendizagem em história ganhe mais um aliado. Mesmo que tais músicas não sejam habitualmente ouvidas, só o poder pensar a música como forma de conhecimento já “ganha” grande parte dos alunos, e o interesse deles vem crescendo à medida que o professor cria condições para que eles se transformem em sujeitos-pensantes no processo de ensino-aprendizagem.

Podemos pensar, neste momento, como foi importante a música no período da Ditadura Civil Militar, onde grandes artistas compuseram e cantaram suas músicas para denunciar os abusos do governo opressor. Como vimos, temos grandes nomes de cantores e compositores que lutaram contra o regime ditatorial, entre eles Chico Buarque, que foi, sem dúvidas, um dos principais nomes de referência na luta contra a ditadura. Poder levar músicas de acordo com o contexto político e social do período é muito enriquecedor, e faz com que os estudantes consigam perceber elementos que lhes possibilitem o entendimento da história social, política, ideológica e cultural do momento em questão.

Para Marcelo Ridente (2000, p. 87), os movimentos culturais do período ditatorial procuravam não ser passadistas, eles estavam sintonizados com o progresso, o desenvolvimento, a modernidade, tudo para romper com o atraso do povo e da nação brasileira, sendo especialmente os anos 1960 um momento em que houve uma íntima ligação entre expressão política, artística e científica.

É necessário que o professor esteja preparado para ensinar através da música. O preparo do professor ditará como os alunos entenderão o conteúdo, ou seja, o professor deve que dominar o estudo da canção, deve conhecer as principais características da música e elementos como letra e interpretação, e conhecer também o ritmo, entender o porquê de determinada harmonia, perceber que tipos de instrumentos foram utilizados e o porquê de eles serem utilizados em determinada canção, e assim por diante.

Para Bittencourt, o processo de transformação da *música para ser ouvida* em *música para ser compreendida* é justamente o exercício que anteriormente foi citado, o professor deve fazer uma análise historiográfica da canção e poder entender o que ela representa. Vale ressaltar que a música está presente não somente nos sons, mas podemos senti-la em figuras, gravuras, charges, etc. Através, por exemplo, de uma charge, poderíamos desenvolver com os alunos um gênero musical ou introduzir determinada música que será utilizada em aula, para que, posteriormente, eles possam analisar cuidadosamente e com método essa canção.

Ao trabalhar música em sala de aula, podemos perceber a sua função social, ela pode nos trazer relevantes indagações sobre política, religião, sociedade, período histórico e todas as vivências a que o autor da canção nos remete.

Cabe ao professor entender esse processo e articular de modo hábil o contexto histórico mais amplo do período histórico estudado com as músicas apresentadas aos alunos. Trata-se de uma maneira de problematizar a 'escuta' musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico.

[...]

Esse percurso nos mostra que as representações históricas construídas pelos alunos com base na música podem ajudar na construção do conhecimento histórico ao propiciar a identificação dos diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nessas representações. Esses elementos podem ser compreendidos e trabalhados de maneira diagnóstica pelo professor por meio dos instrumentos de leitura histórica da linguagem musical, processo que pode se transformar numa ponte entre a realidade atual e o passado histórico. (GOÉS apud ABUD, 2010: 63 e 64)

A construção do conhecimento histórico perpassa, pois, aquilo que já foi descrito acima. Assim, devemos pensar a música e não simplesmente ouvi-la. O desenvolvimento da aprendizagem da história pode ser beneficiado pelo estudo da música. O pensar a música estaria ligado também à forma como o professor levará a música para dentro da sala de aula, e à forma como o professor irá instigar os alunos a refletir sobre a história a partir da música.

Temos que ter em mente, também, que o pensar a música como instrumento pedagógico não significa apenas utilizá-la como fonte em detrimento das demais fontes históricas, sejam elas documentais ou não. O professor deve utilizar a música como parte do processo de aprendizagem e, a partir disso, levar os documentos históricos que poderão dar sustentação ao estudo de determinado período histórico. Portanto, utilizar a música como elemento didático no processo da construção da aprendizagem é, sem dúvida, relevante, porém considerando os vários apontamentos feitos anteriormente. Bittencourt vem complementar esse ponto, afirmando que o professor é responsável por levar os documentos que constatem as hipóteses trazidas pelos alunos, para que eles possam confirmar as suas presunções.

Compreender a história do país, bem como a história mundial, significa fazer com que os alunos possam “viajar pelas múltiplas experiências do humano. A cultura brasileira, com toda a sua diversidade, é, dentre tantas, um dos grandes mananciais de pesquisa disponível para os historiadores e estudiosos em geral, estando ligada a essa diversidade a formação das mais variadas identidades e grupos sociais. E é justamente com essa formação de identidade que o docente de história também está preocupado, por que o processo de mudança de metodologias a serem utilizadas em sala de aula para as aulas de história é um elemento fundamental para as mudanças curriculares nas escolas.

O ensino de história está atrelado há anos a um modelo de ensino que apenas serve para a memorização de datas e fatos, o que torna nossa disciplina desinteressante. Ao longo dos anos, e com muitas discussões acerca do método utilizado para o ensino de história, percebe-se a necessidade de utilizar novas técnicas em sala de aula, de modo

a fazer com que os alunos possam entender os conteúdos sem que exista o caráter de decorar fatos e datas. O projeto de trazer novas metodologias a serem aplicadas no ensino de história busca fazer com que os alunos possam participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, e com que se aproximem mais docentes e discentes.

Ressalta-se também o fundamental papel da escola para que novas tecnologias sejam empregadas em sala de aula. O reconhecimento social do papel do professor de história é parte integrante o esforço para que a construção do conhecimento seja eficiente e para que os discentes consigam, a partir dessa nova metodologia, perceber a importância do ensino de história na escola. Com a recente mudança representada pela MP 746⁸, teremos muitos desafios. E, para que superemos esses desafios, devemos nos aproveitar da diversidade cultural rica no Brasil utilizando-a como aliado para o bom desempenho em sala de aula. É muito importante que apresentemos aos estudantes diferentes formas de manifestação cultural no tempo histórico correto e, nesse contexto, podemos aplicar a música como método de ensino.

Sekeff⁹ propõe que se “promova no educador consciência das reais possibilidades e do alcance da música na educação”, ou seja, o desenvolvimento de conteúdo através da expressão musical constituiria uma alternativa pedagogicamente rica para contarmos com diferentes formas didáticas de ensinar conteúdos que, antes, poderiam ser maçantes, mas que hoje podem se tornam atraentes e possibilitam novos aprendizados e novas formas de fazer com que os alunos tirem suas próprias conclusões. A música como metodologia pode desenvolver de forma criativa o sentido crítico, e

⁸Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências.

⁹Pesquisadora, musicista, professora e ex pianista atuante. Possui graduação em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, formação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado em Música pela UFRJ, Livre-docência em Piano pela UFRJ, Pós-graduação em nível de Doutorado pela PUC/SP . É Doutor em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Livre-docente em Piano pela UFRJ, com reconhecimento também pela UNESP em 1984. Professor titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, cargo obtido por concurso público de títulos e provas em 1996. Tem experiência na área de Música, com ênfase em Piano, Musicologia, Teoria da Música e Educação musical. Foi Chefe do Depto. de Música do IA-Unesp (2 gestões), Coordenadora do Bacharelado em Música (2 gestões), Coordenadora do Pós-graduação (1 gestão) e Vice coordenadora (3 gestões), sempre no IA-Unesp. Criou e dirigiu (15 anos) a AJP - ASSOCIAÇÃO de JOVENS PIANISTAS (RJ), premiado pelo então Diário de Notícias. Criou e dirigiu (20) anos o MOVIMENTO NACIONAL RITMO e SOM da UNESP, vencedor do prêmio APCA. Foi indicada pela UNESP (2002) para o Prêmio PROFESSOR EMÉRITO - TROFÉU GUERREIRO da EDUCAÇÃO, do jornal O Estado de S. Paulo. Homenageada pela UNESP (2001) com o Certificado de HONRA ao MÉRITO. Em 1996 foi indicada pelo IA-UNESP para inscrição na LISTA TRÍPLICE ao cargo de REITOR. (Fonte: Currículo Lattes)

também expõe uma brecha bastante significativa no que diz respeito ao ensino de história que servia apenas para acumular datas e fatos sem sentidos.

Ensinar história é totalmente diferente de fornecer uma informação sobre o passado. É abrir a criança, a seguir o adolescente, para um mundo sem cessar mais vasto, no interior de que se situa. O mundo físico e as suas leis, o mundo social e as suas regras, o espaço e as suas dimensões, o tempo e o seu relevo: eis algumas realidades a que a criança se abre, pouco a pouco e penosamente, durante a sua formação, e que, em compensação, penetram no campo da sua consciência (GOÊS apud DUBUC, 1976, p. 42).

É justamente para proporcionar uma formação de qualidade que a utilização de novos métodos é fundamental, para que nossos estudantes possam, de fato, se apropriar do assunto que estão estudando. É nesse momento que a música se torna parte metodológica indiscutível, uma vez que a canção popular brasileira, por exemplo, pode ser fonte de estudo para vários períodos históricos da formação do Brasil. A utilização de canções em sala de aula como método didático visa também proporcionar aos alunos uma desconstrução de estereótipos relacionados a muitos segmentos da sociedade, como, por exemplo, estereótipos relacionados a questões e isso implica fazer os estudantes criarem novas possibilidades, abordando de forma diferenciada temas que muitas vezes podiam ser vistos como “desinteressantes”. O conteúdo que as canções trazem em suas letras pode ser utilizado como documento histórico, contudo não se pode menosprezar o uso de documentos que atestem a veracidade das informações que forem construídas através de canções.

A incorporação da linguagem musical ao ensino de História reclama do professor e do aluno uma percepção mais consciente da canção [...] trata-se de uma fonte de pesquisa, onde a forma e o conteúdo integram-se como força de expressão como referencial de manifestação e comunicação. (BUENO, CREMA, STACHELSKI apud PAULINO, 2017, p. 481).

O que temos que ter em mente é que o professor de história é muito mais que um difusor de acontecimentos passados, assumindo o papel de formador de cidadãos pensantes e que possam se utilizar de diferentes linguagens para a compreensão da sociedade. A sala de aula é o espaço por definição de construção desses saberes, e para isso utilizar música como método didático de ensino pode significar romper com os métodos tradicionais e convencionais, os quais são parte da explicação das razões de porquê há desinteresse por parte dos alunos. A sociedade de um modo geral muda constantemente, e essas mudanças devem ser introduzidas no ambiente escolar de forma que nossos estudantes possam ser, também, protagonistas no processo de ensino aprendizagem, e esse processo está ligado não apenas ao estudo de fatos e datas do passado, mas também ao trabalho com o presente, com o dia-a-dia dos estudantes, muitos deles trabalhadores. A linguagem de que a música se utiliza e o prazer estético

que ela pode proporcionar, podem abrir caminhos para o novo; as descobertas que o estudo da música possibilitam a nossos estudantes podem ser maiores que aquelas que se obtém apenas acompanhar determinado livro didático.

Portanto, a introdução da música como método didático para o ensino de história pode possibilitar aos estudantes um mundo de conhecimento muito mais amplo e – por que não? - também divertido. Desenvolver a capacidade discente em construir suas próprias conclusões neste mundo globalizado e repleto de informação é um desafio enorme para nós professores de história. Por isso, cabe a nós procurarmos novas metodologias de ensino para a sala de aula, e o uso da música para esse fim é, dentre outras possibilidades – o uso do cinema, por exemplo -, uma possibilidade real, que concorrerá para elevar o potencial de nossos alunos na construção do conhecimento.

4. Buarque-se

*“[...] E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago”.* (HOMEN, 2009, p.70)

Francisco Buarque de Holanda¹⁰, mais conhecido como Chico Buarque, é uma das figuras mais importantes da resistência à Ditadura Civil-Militar no âmbito da música popular e mesmo fora dele. Nascido em 19 de junho de 1944, no Rio de Janeiro, seria o quarto dos sete filhos do professor e historiador Sérgio Buarque de Holanda¹¹ e de Maria Amélia Cesário¹². Chico mudou-se em 1946 para a cidade de São Paulo, onde seu pai havia sido nomeado diretor do Museu do Ipiranga. Sempre esteve rodeado pelos mais variados tipos de expressão cultural e desde cedo demonstrava seu interesse pela música.

Em 1953, Chico muda-se para a Itália, pois seu pai havia sido convidado para dar aulas na Universidade de Roma. Porém, antes de sua partida e com toda a sensibilidade que já começa a desenvolver, deixou um bilhete a sua vó, dizendo: “Vovó, você está muito velha e quando eu voltar eu não vou ver você mais, mas vou ser cantor

¹⁰ Este capítulo é dedicado a ilustrar um pouco da trajetória desde compositor e cantor que contribuiu muito para a cultura do Brasil. Para melhor entender um pouco da vida e obra deste gênio foi utilizado o próprio site do cantor bem como o livro de Regina Zappa, onde ele expressa seus sentimentos através de entrevista sobre o seu passado e o seu presente.

¹¹ Foi historiador e crítico literário. Participou do Movimento Modernista de 1922. Foi colunista e correspondente de diversos jornais, tanto no Brasil quanto no exterior. Escreveu um dos mais importantes livros históricos do país, Raízes do Brasil. Assumiu diversos cargos públicos e ocupou a cadeira de História da Civilização Brasileira, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; foi o primeiro diretor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros, membro-fundador do Partido dos Trabalhadores e pai do compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda. A casa em que morava foi transformada no Museu da Música Brasileira. Escreveu, entre outras obras, Cobra de vidro, Tentativas de mitologia e Caminhos e fronteiras.

Nasceu em 11 de julho de 1902, em São Paulo, e morreu em 24 de abril de 1982.

São Paulo. **Sérgio Buarque de Holanda.** Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/sergiobuarquedeholanda/index.php?p=5379>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

¹² Esposa de Sérgio Buarque de Holanda e mãe de Chico Buarque, Miúcha, Ana de Hollanda e Cristina Buarque, Maria Amélia foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores. Maria Amélia também foi colaboradora intelectual de parte da obra de Sérgio Buarque de Hollanda, de acordo com declaração de Antônio Cândido no filme "Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Hollanda". Nasceu em 25 de janeiro de 1910 e morreu em 4 de maio de 2010. Brasil. **Maria Amélia Cesário de Holanda.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Am%C3%A9lia_Buarque_de_Hollanda>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

de rádio e você poderá ligar o rádio do céu, se sentir saudades. ” Mesmo muito novo, aos nove anos de idade, ele já desenhava, mesmo que inocentemente, o que mais tarde se tornaria, um grande nome da música popular brasileira e não somente isso, mas um grande nome na luta contra o regime opressor e violento da Ditadura Civil Militar.

A casa de Chico Buarque sempre foi frequentada por muitos pensadores e grandes nomes da Música Popular Brasileira, dentre esses Vinicius de Moraes, que anos mais tarde viria a ser um seu parceiro de composições, tanto na Itália quanto no Brasil. A casa dos Buarque era muito musical e intelectual, suas irmãs também eram bem musicais, herança dada pelos pais, pois a mãe de Chico era pianista - e é então que surgem as primeiras canções. Zappa nos conta que o ano de 1959 foi, para Chico, determinante, pois como lançamento de *Chega de Saudade*¹³, de João Gilberto, ele pôde ter uma maior consciência de seu futuro musical. O fascínio que o arrebatou foi a simplicidade de João Gilberto ao toque do violão – tão comentada pelos estudiosos da Bossa Nova como um deflagrador estético de mudanças na música popular brasileira.

Em 1963, Chico Buarque entra para a faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde pôde conhecer o movimento estudantil e toda a sua ideologia política. A experiência, porém, não durou muito tempo, pois deixa a faculdade e reconhece que foi um equívoco ter começado a cursá-la. Como ele mesmo nos diz, abandonou-a no “no terceiro ano da faculdade. Eu não sabia o que ia ser. Tinha uma vaga ideia de ser jornalista, porque gostava de escrever. Pensei também em ir para o Itamaraty. Achava que lá as pessoas bebiam e faziam músicas e poesias. (BUARQUE, dez/1999).

Ao conhecer o movimento estudantil na faculdade e também acompanhando a situação política no Brasil na década de 60 é que pôde perceber a seriedade e gravidade do golpe dado em 1964, e que sua luta seria importante contra a repressão e em prol do movimento de resistência. A luta por uma sociedade democrática é que faz com que surja um movimento musical com músicas de protesto e que façam críticas ao governo.

¹³ João Gilberto é um dos mais musicais de nossos cantores populares, predicado que compensa amplamente o seu pequeno volume de voz”, publico o 'Estado de S. Paulo', em 1959, ano de lançamento do clássico mundial *Chega de Saudade*. Aqui, a bossa nova atingia seu auge, mas o gênero vinha crescendo no Brasil desde os anos 1940, quando perceberam que a mistura de jazz com samba poderia dar em algo. E deu. Quem fazia sucesso no Brasil uma década antes da explosão da bossa nova eram os grandes cantores, como Francisco Alves, Orlando Silva, Cyro Monteiro e Gilberto Alves. Imaginar que alguém franzino, tímido e de voz quase sussurrada faria sucesso pouco mais de uma década depois beiraria a ofensa. Music On The Run. **História do Disco**. Disponível em <<http://www.musicontherun.net/2016/09/discos-para-historia-chega-de-saudade-joao-gilberto-1959.html>>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

A perseguição a movimentos como esse, principalmente no fim dos anos 1960 e durante a primeira metade da década de 1970, de artistas e intelectuais que denunciavam as torturas e mortes da ditadura era cada vez mais intenso, mas nunca colocou Chico em uma situação que se deixasse calar, muito pelo contrário: a vontade de fazer com que suas canções tomassem forma na boca do povo que as entoavam ficava mais forte, à medida que mais necessária.

Num tempo, página infeliz da nossa história, passagem desbotada na memória das nossas novas gerações, dormia a nossa pátria mãe tão distraída, sem perceber que era subtraída em tenebrosas transações. A minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão. Mesmo com toda lama, a gente vai levando. Amanhã vai ser outro dia. Essa terra ainda vai cumprir seu ideal. (BURIGATO apud BUARQUE, 2014)

E essa “página infeliz da história” é que o cantor cantava e denunciava. Chico desponta como interprete da MPB. Em meio à efervescente luta contra a ditadura, muitos artistas, estudantes e intelectuais participaram da Passeata dos Cem Mil¹⁴ no Rio de Janeiro, e, é claro, Chico também participou e cantou seus refrões de protesto.

Participa, no Rio de Janeiro, da "Passeata dos cem mil", que reuniu estudantes, artistas e intelectuais em um protesto contra a ditadura militar. Bom tempo, considerada por muitos uma composição em descompasso com o clima político de então, fica em segundo lugar na Bienal do Samba. A canção Benvinda, a despeito das vaías, vence o IV Festival da MPB da Record. Um comando do CCC - Comando de Caça aos Comunistas - invade o teatro Galpão, em São Paulo, depreda as instalações e espanca atores e técnicos da montagem de Roda Viva. Sob as vaías do público do Maracanãzinho, vence o Festival Internacional da Canção, com Sabiá, feita em parceria com Tom Jobim, com quem compõe, no mesmo ano, Pois é e Retrato em preto e branco. A imprensa publica notícias sobre o confronto de idéias entre Chico e os tropicalistas, cuja linguagem musical propunha, de certa forma, um rompimento estético com o belo. Para Caetano Veloso, Chico continuava fazendo "só o que era bonito, enquanto nós queríamos também uma coisa que fosse, de algum modo, feia". Em dezembro, publica na Última Hora, de São Paulo, o artigo intitulado "Nem toda loucura é genial, nem toda lucidez é velha", respondendo às críticas que lhe eram feitas por seu apego ao samba tradicional. Dias após a decretação do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro, é detido em sua própria casa e levado ao Ministério do Exército para prestar depoimento sobre a sua participação na passeata dos cem mil e sobre as cenas exibidas na peça Roda viva, consideradas subversivas. (SILVA, 2014)

Chico Buarque, como podemos perceber, sempre foi muito atuante na luta contra o poder repressor do regime militar, e logo começa a sofrer perseguições e censuras às

¹⁴ Na manhã do dia 26 de junho de 1968, as ruas da Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, já eram tomadas pelos participantes do ato político. A marcha teve início às 14 horas, com aproximadamente 50 mil pessoas presentes. Cerca de uma hora depois, esse número havia dobrado, chegando aos 100 mil manifestantes. Além dos estudantes, a manifestação contou com a participação de artistas, intelectuais, políticos e outros segmentos da sociedade civil brasileira, tornando-a uma das mais expressivas manifestações populares da história da República do Brasil. Com uma enorme faixa à frente, onde se lia “Abaixo a Ditadura. O Povo no poder”, a passeata durou três horas, encerrando-se em frente à Assembleia Legislativa, sem confrontos com a polícia que acompanhou o protesto durante o seu percurso. As manifestações cresceram, sendo cada vez mais fortemente reprimidas, com a prisão e morte de vários estudantes. A repressão foi coroada com a decretação do AI-5, em 13 de dezembro daquele mesmo ano.

suas canções e peças teatrais. Em entrevista que concedeu à escritora Regina Zappa, revela que foi levado ao DOPS para interrogatório sobre as suas músicas e peças. Com o AI-5, a censura prosseguiu ferozmente e aumentou, mas Chico não deixou de cantar as músicas proibidas pelo regime. Mesmo quando não o fazia, o público de seus shows cantava e repetia seus versos de desaprovação à violência e à falta de liberdade de expressão.

Chico, nesse período entre 1968 e 1969, já estava nas paradas de sucesso por suas composições serem defendidas em grandes festivais da música popular brasileira, porém mesmo assim decidiu se auto exilar na Itália.

Eu saí do Brasil dia 2 de Janeiro de 69, o AI-5 foi 13 de Dezembro de 68, foi quando fechou tudo, teve a censura, os jornais, a prisão de uma porção de gente. Alguns dias entre o AI-5 e a minha partida, a gente não tinha muita notícia de nada, havia uma boataria solta. A gente se encontrava nos bares e a tal, fulano foi preso, fulano não foi. Eu fui detido de manhã pelos soldados lá pelo dia 20 de Dezembro, passei um dia no quartel e me soltaram, mas me deixaram com a recomendação de não deixar a cidade do Rio de Janeiro sem uma autorização expressa de um coronel, e tinha o telefone do Coronel Atila Moura Sales para consulta-lo para isso, e eu tinha marcado uma viagem para Cannes, um festival, e o lançamento de um Disco em Roma, então pedi essa autorização e ela foi dada. Fui para Cannes e em seguida fui para Roma com a intenção de ficar o tempo que durasse tudo, uma semana, quinze dias, no máximo. Recebendo as notícias de que estava acontecendo cada vez mais coisas esquisitas no Brasil, eu fui aconselhado a não voltar. Em determinado momento eu tive que tomar essa decisão. Eu com Marieta, minha mulher e tal. Como é que faz? Com nossa filha, ou nosso filho? Eu não sabia. 'Vamos ficar aqui'. Não havia mais segurança para eu voltar para o Brasil. (BURQUE, 2010).

A intenção era a de permanecer na Itália apenas por dias, mas as coisas só iam piorando no Brasil. Neste tempo de exílio, Chico pôde se aperfeiçoar como compositor e trocar muitas experiências com os mais brilhantes compositores estrangeiros. Não somente isso: logo começou a participar de programas de televisão e mais tarde participou de uma turnê com o seu amigo Toquinho.

Seu retorno ao Brasil em 1970 não poderia passar despercebido, e muita gente o aguardava no aeroporto dando boas vindas ao grande compositor Chico Buarque de Holanda, nome forte contra o regime opressor da ditadura. Todos queriam ouvir o que ele tinha a dizer em sua volta e é nesse momento que compõe a canção *Apesar de Você* - e toda a sua genialidade fez com que a censura não conseguisse achar nada de subversivo ao longo da letra da canção. Porém, assim mesmo, os censores da ditadura levaram Chico para interrogatório para saber a quem ele se referia na palavra “Você” do título da canção, e sua resposta foi: “É uma mulher autoritária”. E a partir disso começou a sofrer ainda mais com a censura e perseguições as suas composições.

Chico Buarque vive uma nova fase de sua vida, casado e tendo que conciliar família¹⁵ e sua vida de artista e ativista. No ano seguinte, 1971, a censura a suas composições segue a passos largos e Chico perde umas de suas composições¹⁶ pelo fato de a censura achar que é ofensiva à mulher brasileira - lança seu LP com onze faixas, uma a menos. E não cessa por aí a censura a seu trabalho: a capa do disco *Calabar*¹⁷, e consequentemente a peça teatral de mesmo nome, escrita juntamente com Ruy Guerra, foi proibida. A peça não pôde ser apresentada pois a censura caracterizou-a como uma afronta aos princípios éticos do regime militar.

O cantor-compositor jamais se valeu do sucesso de suas músicas de protesto para se tornar símbolo de luta e de resistência contra a ditadura militar: sempre viu a si mesmo como um brasileiro que estava ao lado de tantos outros companheiros que estavam sendo mortos e feridos pelas torturas ditatoriais. A forma de ser útil para ele era a de poder estar nos palcos denunciando a violência e os abusos do regime, e para isso contava com amigos também cantores para se somarem na luta contra a ditadura.

Na maior parte da década de 1970, Chico Buarque mantém-se produzindo discos – dedicando-se menos a espetáculos ao vivo, mas, mesmo assim, participando de eventos em benefício de causas políticas sociais, como os shows de 1º de Maio promovidos pelo Centro Brasil Democrático (Cebrade). Como salienta o próprio site do cantor e compositor,

Para mim, ao contrário do que pensam os outros, trabalhar é quando estou quieto em casa, escrevendo ou compondo, produzindo, criando. Engraçado, quando acabam as temporadas (de shows) aí dizem que não estou fazendo nada. Pensam que, porque não apareço, estou parado. Mais é aí que estou realmente trabalhando. (BUARQUE apud BUARQUE)

¹⁵ A atriz Marieta Severo e Chico Buarque se conheceram em 1966. Os dois ficaram casados por 30 anos e tiveram três filhas: Sílvia, Helena e Luísa. Marieta chegou a encenar peças do marido, como 'Roda viva' e 'Ópera do malandro'. Amigos, os dois têm atualmente outros companheiros: o diretor Aderbal Freire-Filho e a cantora Thaís Gulin. UAI. **Conheça 70 fatos marcantes da vida de Chico Buarque.** Disponível em <<http://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2014/06/15/noticias-musica.156289/conheca-70-fatos-marcantes-da-vida-de-chico-buarque.shtml>>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

¹⁶ Bolsa de amores - Chico Buarque/1971 Gravada na Coleção 2 em 1 - Mário Reis - EMI Odeon
Comprei na bolsa de amores/As ações melhores/Que encontrei por lá/Ações de uma morena dessas/Que dão lucro à beça/Pra quem sabe/E pode jogar/Mas o mercado entrou em baixa/Estou sem nada em caixa/Já perdi meu lote/Minha morena me esquecendo/Não deu dividendo/Nem deixou filhote.

E eu que queria/De coração/Ganhar um dia/Alguma bonificação/Bem que dizia/Meu corretor/A moça é fria/Ao portador

Letras. **Bolsa de amores.** Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/letras/bolsade_71.htm>. Acesso de 06 de janeiro de 2017.

¹⁷ A peça Calabar, ou o elogio da traição, cuja ação se passa no Brasil Colônia, onde é relativizada a posição de Domingos Fernandes Calabar que preferiu o invasor holandês ao colonizador português. Proibida pela censura, a peça somente seria liberada muito anos depois. Vida. **Vida.** Disponível em <<http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>>. Acesso de 06 de janeiro de 2017.

Assim, Chico consegue realizar suas mais aclamadas, como por exemplo *O Que Será* que foi composta para o filme *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, ou o álbum *Meus Caros Amigos*¹⁸. Em 1978, ele e a esposa Marieta Severo viajam a Cuba e, ao retornar, são presos pelo DOPS para prestar esclarecimentos acerca do motivo de sua viagem para a ilha de Fidel Castro. As peças de teatro que Chico escreve são acompanhadas de composições de suas próprias músicas, como a *Ópera do Malandro*¹⁹, escrita em 1977 e que teve sua estreia um ano depois, logo após a sua volta de Cuba.

A fase mais politizada de sua carreira prossegue com o lançamento em 1979 do álbum duplo *Ópera do Malandro*. No ano seguinte, a pedido da bailarina Marilena Ansaldi, compõe as canções da peça *Geni*. Ainda em 1980, lança o LP *Vida*²⁰. A sua

18 O que será (À flor da terra) (Participação vocal: Milton Nascimento) / Mulheres de Atenas/ Olhos nos olhos / Você vai me seguir/ Vai trabalhar vagabundo / Corrente / A noiva da cidade Passaredo / Basta um dia / Meu caro amigo

OBS: Composições de Chico com exceção de: Mulheres de Atenas, com Augusto Boal; Você vai me seguir, com Ruy Guerra; A noiva da cidade, Passaredo e Meu caro amigo, com Francis Hime. Discos. **Meus caros amigos.** Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=meus_caros_amigos_76.htm>. Acesso de 10 de janeiro de 2017.

¹⁹ "O texto da Ópera do malandro é baseado na Ópera dos mendigos (1728), de John Gay, e na Ópera de três vinténs (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill. O trabalho partiu de uma análise dessas duas peças conduzida por Luís Antônio Martinez Corrêa e que contou com a colaboração de Maurício Sette, Marieta Severo, Rita Murtinho e Carlos Gregório. A equipe também cooperou na realização do texto final através de leituras, críticas e sugestões. Nessa etapa do trabalho, muito nos valeram os filmes Ópera de três vinténs, de Pabst, e Getúlio Vargas, de Ana Carolina, os estudos de Bernard Dort O teatro e sua realidade, as memórias de Madame Satã, bem como a amizade e o testemunho de Grande Otelo. Contamos ainda com o prof. Manuel Maurício de Albuquerque para uma melhor percepção dos diferentes momentos históricos em que se passam as três óperas. O professor Luiz Werneck Vianna contribuiu posteriormente com observações muito esclarecedoras. E Maurício Arraes juntou-se ao nosso grupo, já na fase de transposição do texto para o palco.

Agradecemos ao dr. João Carlos Muller pelo empenho com que lutou, junto à Censura Federal, pela liberação da peça (com cortes). No mesmo sentido somos gratos aos srs. Luís Macedo e Humberto Barreto. Finalmente, cabe um abraço ao elenco da Ópera do malandro que compreendeu o nosso processo de criação e a ele se incorporou. Está peça é dedicada à lembrança de Paulo Pontes."

Chico Buarque Rio de Janeiro, junho de 1978

- ²⁰ Vida
- Mar e lua
- Deixe a menina
- Já passou
- Bastidores
- Qualquer canção
- Fantasia
- Eu te amo
- (Participação vocal: Telma Costa)
- De todas as maneiras
- Morena de Angola
- Bye, bye, Brasil
- Não sonho mais

Composições de Chico Buarque com exceção de: Eu te amo, com Tom Jobim e Bye Bye Brasil, com Roberto Menescal. **Vida.** Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=vida_80.htm>. Acesso de 11 de janeiro de 2017.

capacidade de produzir discos não para, e Chico, em 1981, lança os LPs *Almanaque*²¹ e *Saltimbancos Trapalhões*²². Sofre uma grande perda em 1982, quando seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, morre aos setenta e nove anos de idade. À efervescência do momento de luta política do movimento pelas “Diretas Já”, Chico responde com a composição do samba de protesto *Vai Passar*, que se torna uma canção de extrema importância no movimento pelas eleições diretas. A canção é lançada em 1984, no disco *Chico Buarque*²³.

Mesmo na produção musical – e também literária - realizada após 1984/85 (o limite de nossos estudos), no período de redemocratização e depois, Chico jamais abandona as temáticas da luta pelos mais necessitados e pela inclusão e igualdade social

-
- ²¹ As vitrines
 - Ela é dançarina
 - O meu guri
 - A voz do dono e o dono da voz
 - Almanaque
 - Tanto amar
 - Angélica
 - Moto-contínuo
 - Amor barato (Participação especial: Carlinhos Vergueiro)

Composições de Chico Buarque com exceção de: Angélica, com Miltoninho e Amor Barato com Francis Hime. Discos. **Almanaque**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=almanaque_81.htm>. Acesso em 11 de janeiro de 2017.

- ²² Piruetas (Chico Buarque, os Trapalhões)
- Hollywood (Lucinha Lins, os Trapalhões)
- Alô, liberdade (Bebel, os Trapalhões)
- A cidade dos artistas (Elba Ramalho, os Trapalhões)
- História de uma gata (Lucinha Lins)
- Rebichada (Chico Buarque, os Trapalhões)
- Minha canção (Lucinha Lins)
- Meu caro barão (Chico Buarque, os Trapalhões)
- Todos juntos (Lucinha Lins, os Trapalhões)

Discos. **Saltimbancos**. Disponível em

<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=saltimbancos_trapalhoes_81.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

- ²³ Pelas tabelas
- Brejo da cruz
- Tantas palavras
- Mano a mano
- Samba do grande amor
- Como se fosse a primavera (canción)
- Suburbano coração
- Mil perdões
- As cartas
- Vai passar

Composições de Chico Buarque com exceção de; Tantas palavras, com Dominginhos; Mano a mano, com João Bosco; Como se fosse a primavera de Pablo Milanés e Nicolás Guillén; e Vai passar, com Francis Hime. Discos. **Chico Buarque 1984**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=chico_84.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

- e é por isso que o objeto de pesquisa deste acadêmico não poderia deixar de ser exatamente a influência de suas canções no período da Ditadura Civil Militar, e não somente isso, mas como elas ainda, no século XXI – no momento de um outro golpe, o de 2016 - estão tão presentes. Chico nos desafia, através das letras de suas canções, a refletirmos sobre a atuação política de nossos governantes e também a refletir sobre a nossa ação enquanto cidadãos, no sentido de negar retrocessos históricos e lutar pela nossa tão sonhada democracia, que nos dias atuais se encontra novamente tão fragilizada e agredida.

5. Análise de Canções

A análise das canções políticas de Chico Buarque é parte fundamental deste trabalho, que se utilizou, como fonte, de uma coletânea de canções lançada em 1994 chamada “O Político”, a qual que reúne as canções de cunho político compostas no período da ditadura.

No caso de *Construção*, o autor afirma que a ideia foi a de contar a história de um operário e cantar as fases de sua vida. Evidencia, porém, a ligação entre o capital e a mão-de-obra assalariado – o que nos remete também a “Pedro Pedreiro”.

*[...]Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado [...]. (HOMEN, 2009, p. 70)*

A crítica, tradicionalmente, tem esse texto com uma das mais bem acabadas, do ponto de vista musical e poético, obras do compositor. *Construção* é claramente uma peça que retrata o ser humano como ele é visto e como este mesmo ser vivo desempenha um papel na sociedade capitalista, a qual tem o homem como uma peça fundamental para o desenvolvimento econômico, sendo o sofrimento deste algo irrelevante, uma vez que o que cabe aqui, acima das necessidades humanas, é realçar a economia do “milagre econômico” – economia que não alcança o operariado. Cabe ressaltar que esta letra não foi censurada.

Este é o caso, também, inicialmente – apesar de Chico ter sido admoestado em razão do título da canção, como já observamos -, de “*Apesar de você*”, composta no retorno do exílio e que não sofreu cortes por parte da censura, o que causou grande surpresa no autor.

*[...]Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar [...]. (HOMEN, 2009, p.60)*

Podemos perceber que a força com que ele critica a ditadura é expressiva: a poesia de Chico traz à tona a ideia de que mesmo nesse momento de repressão e

violência os militares não conseguiriam calar a voz das ruas, e que mesmo sofrendo censura o poder da canção e dos movimentos sociais que as entoavam pelas ruas era, sim, fazia daquele um grande momento de dizer basta ao autoritarismo e à violência. Porém, quando tudo parecia estar indo muito bem com essa canção, uma nota em um jornal carioca faz a insinuação de que a palavra *você* se referia ao então presidente Médici. Mesmo com a negação por parte de Chico, a censura fez com que fossem recolhidas todas as cópias do disco, tentando até mesmo destruir sua matriz – o que não conseguiram – e fazendo com que a música parasse de ser tocada. Conseguiram, mas a música parou de ser tocada. Mesmo sendo um samba “para cima” e com mensagem otimista, a canção mostra o grito de uma sociedade que sofria com os abusos da ditadura.

Composta para o Show Phono 73, “*Cálice*” é uma música bastante emblemática na luta contra a ditadura. A canção é rodeada de metáforas e trabalha com muitas referências - uma delas a própria bíblia: a primeira parte da canção, “Pai - afasta de mim este cálice”, não está ali por acaso, mas faz referência à data que foi composta, uma sexta-feira santa.

*[...]Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta
De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta. HOMEN, 2009, p. 87)*

A brincadeira entre o substantivo “cálice” e o verbo “calar” – “cale-se” - fez com que a canção se tornasse um símbolo de resistência e de denúncia contra o regime militar. A ideia de um ser superior, de uma divindade - “Pai” (Deus) – chamada para proteger e afastar os carrascos que silenciavam o clamor popular por uma sociedade democrática e sem censuras. Não por acaso escrita em uma sexta-feira santa, a canção trabalha com toda uma analogia em relação ao sofrimento de Cristo, e o seu sangue derramado, com o sangue derramado pelos companheiros e companheiras que lutaram contra este período da história de nosso país. O texto segue com metáforas o tempo todo, como, por exemplo, “como beber dessa bebida amarga” – bebida amarga que nada mais é do que ter-se de viver naquela situação; como podemos permanecer coagidos e acuados diante daquele contexto político. Como podemos ficar calados com tamanha falta de humanidade. Como podemos esquecer a tortura e o sofrimento dos militantes

que defendiam o estado democrático. A canção é plena de conteúdo de protesto e coloca a bordo o sofrimento das pessoas através de potentes versos que estão cheias de metáforas, relacionando passagens bíblicas a passagens do dia-a-dia de uma sociedade que sofria por não poder defender um mundo mais justo sem represálias. Ainda sobre essa canção, Chico Buarque nos diz:

Às vezes, eu mesmo não sei o que eu quis dizer com algumas metáforas de músicas como 'Cálice', por exemplo. [...] naquela época havia uma forçação de barra muito grande, tanto a favor quanto contra. Ambos os lados liam politicamente o que não era. [...] Já disseram que o verso 'de muito gorda a porca já não anda', de 'Cálice', era uma crítica ao Delfim Netto, que era ministro. E gordo [risos]." Indagado sobre o real significado, respondeu: "Não faço a mínima idéia. [Risos] Esse verso é do Gil. (HOMEN, 2009, p.89)

“Acorda Amor” é outra poesia que retrata a agonia e o medo da sociedade em tempos de ditadura. Um tempo em que, como diz a canção, há um sobressalto a cada vez que se ouve alguém “batendo no portão, que aflição” - as pessoas nunca sabiam o que iria acontecer, quando a polícia iria bater à sua porta ou o que viria a seguir. Chico Buarque alerta toda a sociedade para a perseguição que estava ocorrendo, e para o fato de que muitos estavam desaparecendo sem que houvesse explicação. Podemos sentir essa denúncia no trecho:

*Acorda amor
Não é mais pesadela nada
Tem gente já no vão de escada
Fazendo confusão, que aflição
São os homens
E eu aqui parado de pijama
Eu não gosto de passar vexame
Chame, chame, chame
Chame o ladrão, chame o ladrão. (PAIVA, ADELAIDE, 1974)*

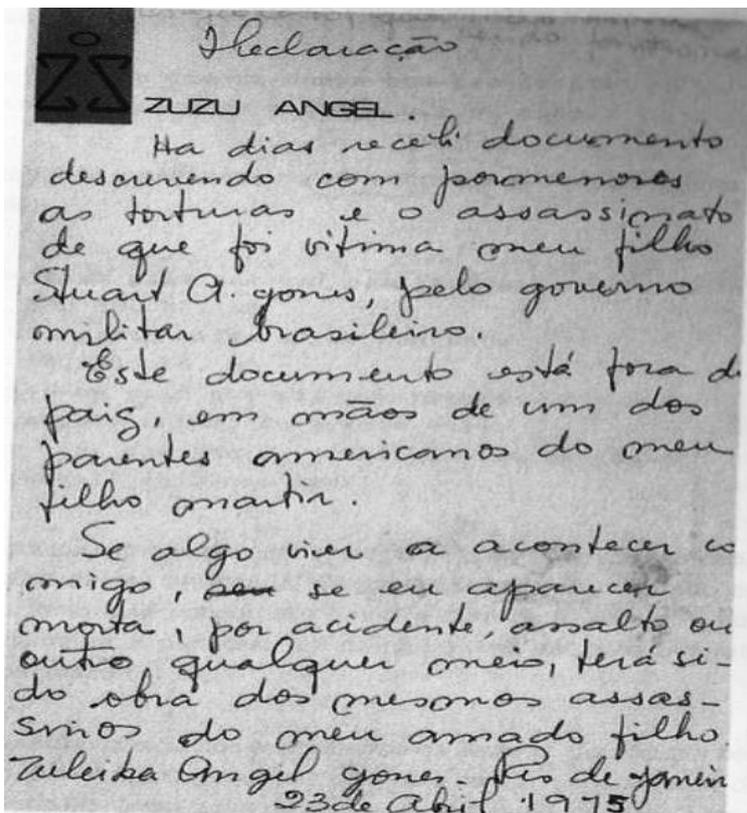
O compositor mesmo já sofrera essa “aflição”, a de ser levado ao DOPS para interrogatório e deixar seus familiares também aflitos. Em tempos sombrios como aquele, havia a certeza de que a polícia iria bater à porta e levar para interrogatório, porém não se tinha a mesma certeza de que o retorno seria seguro. A perseguição aqui retratada por Chico é uma forma de denunciar o que estava acontecendo. “Mas depois de um ano eu não vindo, ponha roupa de domingo e pode me esquecer”: fica evidente o que acontecia, as pessoas eram levadas, perseguidas, cassadas e em muitos casos não havia mais notícias de seu paradeiro.

*Meu caro amigo me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol*

*Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando, que também, sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão. (HOMEN, 2009, p. 103)*

Podemos, através dessa canção, perceber o recado que Chico manda aos amigos exilados de como estão as coisas no Brasil. Nessa canção, os amigos que tiveram que fugir às perseguições podem ter a certeza de que a luta continua e de que, para matar a saudade, os versos de suas canções seriam o melhor alento para seus corações.

“*Angélica*” é uma canção bastante forte e que vem revelar outra face da ditadura: as mães que choram porque seus filhos não retornaram para casa, o sofrimento dessas mulheres em razão do desaparecimento de seus entes queridos, ou em razão de haverem recebido a notícia de suas mortes – ou as que ainda hoje, em 2017, aguardam notícias da localização dos. “*Angélica*” é uma obra em que Chico se inspira no caso da jornalista Zuzu Angel, como mostra o documento abaixo:

A photograph of a handwritten note on a piece of paper. The note is written in cursive and is titled "Declaração" at the top. It is signed "ZUZU ANGEL." and contains a message in Portuguese. The text of the note is as follows: "Ha dias recebi documento descurendo com pormenores as torturas e o assassinato de que foi vitima meu filho Stuart A. gonis, pelo governo militar brasileiro. Este documento está fora do país, em mãos de um dos parentes americanos do meu filho morto. Se algo vier a acontecer comigo, ou se eu aparecer morta, por acidente, assalto ou outro, qualquer coisa, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho. Zuleika Angel gonis. Mãe de James 23 de Abril 1975". There is a small black square with a white geometric design in the top left corner of the paper.

Bilhete da estilista Zuzu Angel, que inspirou a letra de “*Angélica*”. (HOMEN, Vagner. História de Canções. 3ª Ed. São Paulo: Leya, 2009, p. 113)

Com requintes de crueldade, o filho de Zuzu Angel morreu defendendo a sua ideologia e suas crenças. O corpo jamais foi encontrado, e Zuzu dedicou sua vida a denunciar as torturas e tentar encontrar os restos mortais de seu filho.

*Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento?*

Só queria lembrar o tormento

Que fez o meu filho suspirar. (HOMEN, 2009, p. 115)

A sua letra lembra do tormento para uma mãe que é o de não saber o que de fato ocorreu com seus filhos e com todos os familiares ou conhecidos que desapareciam por lutar por um país melhor - e é um sentimento de esperança que Chico quis retratar nesta canção:

E então

Quero ver o vendaval

Quero ver o carnaval

Sair

Ninguém

Ninguém vai me acorrentar

Enquanto eu puder cantar

Enquanto eu puder sorrir

Enquanto eu puder cantar

Alguém vai ter que me ouvir

Enquanto eu puder cantar

Enquanto eu puder seguir

Enquanto eu puder cantar

Enquanto eu puder sorrir

Enquanto eu puder cantar

Enquanto eu puder. (BUARQUE, 1971)

“Cordão” é uma das canções em que Chico consegue gritar que não irão silenciá-lo, muito pelo contrário. Enquanto ele tivesse condições de cantar as injustiças, a violência, a repressão, ele iria fazê-lo inclusive sorrindo, para levar algum conforto a um momento grave onde não se tinha liberdade de expressão e, muito mais que isso, um momento em que não se tinha liberdade de ir e vir. Existe um sentimento de todos se unirem para lutar contra a repressão, e de não aceitar de forma alguma esse tipo de violência.

6. Conclusão

O regime civil militar no Brasil trouxe uma série de consequências para a história política, social, econômica e cultural do país. Chico Buarque, em uma de suas canções - intitulada de “*Cálice*” – falou a respeito de como a repressão e a censura vieram para calar o povo e as vozes da oposição, ou oposições, de um período em que a violência política, e em que a truculência constituiu a forma balizadora de controle da sociedade. Ao fazer este resgate ainda fica a pergunta sobre o paradeiro de tantas pessoas desaparecidas por conta da tortura que sofreram porque lutaram contra o regime.

Chico Buarque, com sua reconhecida genialidade, contribuiu de forma inteligente para aquela luta, e seus versos foram e são cantados como verdadeiros hinos contra a Ditadura Civil Militar. Apresentar, analisar e interpretar algumas dessas canções foram a intenção deste trabalho. Realizando este recorte histórico pudemos visualizar o quanto foram significativas as letras de suas canções, e podemos perceber qual ditadura emerge das mesmas. A ação militarista tentou silenciar a sociedade e fazer com que a vida política e cotidiana fosse de total submissão às regras e imposições do regime militar. Chico Buarque é peça fundamental nesse contexto, uma vez que sua manifestação artística ofereceu uma leitura diferente da ditadura para muitas pessoas, e sua poesia militante inspirava a sociedade para a luta contra a repressão e a censura.

A obra de Chico Buarque é extremamente rica em imagens, alegorias e metáforas que desafiaram o regime civil militar, uma vez que suas letras denunciavam o estado repressivo e violento. A Ditadura Civil Militar que Buarque canta é justamente o que foi discutido ao longo deste trabalho, ou seja, um estado de repressão e violência, sem direito à liberdade de expressão, e um estado em que aquele que se opunha ao regime civil militar sofria tortura, perdia a vida ou simplesmente desaparecia sem deixar rastros do que realmente lhe acontecera. A poesia da música de Chico Buarque, no entanto, causando fissuras na imagem que o regime alimentava sobre si mesmo, ajudando a desfigurá-lo – e ajudando, também, a retirar exatamente do interior dessa fissura as potencialidades de uma um país melhor.

7. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, M. P. SILVA, I. P. SANTOS, D. R. (Org). **Ditadura militar e democracia no Brasil : história, imagem e testemunho**. 1. ed. Rio de Janeiro : Ponteio, 2013, p.12.

ARNS, D. P. E. **Brasil Nunca Mais**. 10 Ed. Rio de Janeiro: Vozes LTDA. 1985.

Biblioteca Virtual FAPESP. **Maria de Lourdes Sekeff Zampronha**. Disponível em <<http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/90552/maria-de-lourdes-sekeff-zampronha/>>.

Acesso em 24 de maio de 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BONFIM, J. B. B. **Palavra de Presidente - Discursos de Posse de Deodoro a Lula**.

Brasília: LGE Editora, 2004.

BUENO, A.; CREMA E.; ESTACHELSKI, D.; NETO, J.M. [org.]. **Jardim de Histórias: Discussões e experiências em aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro: Ed. Especial Ebook LAPHIS, 2017.

Brasil. **Maria Amélia Cesário de Holanda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Am%C3%A9lia_Buarque_de_Hollanda>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

Brasil. **Medida Provisória 746**. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>>. Acesso em 24 de maio de 2017.

Discos. **Almanaque**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=almanaque_81.htm>. Acesso em 11 de janeiro de 2017.

Discos. **Chico Buarque 1984.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=chico_84.htm>. Acesso em 12
de janeiro de 2017.

Discos. **Chico Buarque.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=chico_89.htm>. Acesso em 12
de janeiro de 2017.

Discos. **Cidades.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=as_cidades_98.htm>. Acesso
em 16 de janeiro de 2017.

Discos. **Dança da meia noite.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=danca_da_meia_lua_88.htm>.
Acesso em 12 de janeiro de 2017.

Discos. **Duetos.** Disponível em
<<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=duetos.htm>>. Acesso em 16 de
janeiro de 2017.

Discos. **Francisco.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=francisco_87.htm>. Acesso de
12 de janeiro de 2017.

Discos. **Meus caros amigos.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=meus_caros_amigos_76.htm>.
Acesso de 10 de janeiro de 2017.

Discos. **O Político.** Disponível em
<http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=o_politico_94.htm>. Acesso
de 15 de janeiro de 2017.

Discos. **Para todos.** Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=para_todos_93.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

Discos. **Saltimbancos.** Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=saltimbancos_trapalhoes_81.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

Discos. **Vida.** Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=vida_80.htm>. Acesso de 11 de janeiro de 2017.

Estudo Prático. **Passeata do cem mil.** Disponível em <http://www.estudopratico.com.br/passeata-dos-cem-mil/>>. Acesso em 05 de janeiro de 2017).

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2013. p. 463, 468, 174-475, 480 E 488

FERREIRA Martins. **Como usar a música na sala de aula.** 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, J. DELGADO, L. A .N.(Org.). **O tempo de ditadura:** regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

GOES, Priscila da S. **A utilização da música nas aulas de história com os alunos do 8º ano.** V Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão/SE. 2011.

Gravadora. **PolyGram.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/PolyGram.>>. Acesso em 15 de janeiro de 2017.

HOMEN, Vagner. **História de Canções.** 3ª Ed. São Paulo: Leya, 2009.

Info Escola. **Governo de João Goulart (Jango)**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/governo-de-joao-goulart-jango/>>. Acesso em 07 de junho de 2017.

Info Escola. **Governo Jânio Quadros**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/historia/governo-de-janio-quadros/>> Acesso em 10 de janeiro de 2017.

Jornal Opção. **Chico Buarque 70 anos: a entrevista que faltava**. Disponível em <<http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/chico-buarque-70-anos-entrevista-que-faltava-8368/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

Letras. **Acorda Amor**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=acorda_74.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Letras. **Bolsa de amores**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/letras/bolsade_71.htm>. Acesso de 06 de janeiro de 2017.

Letras. **Cordão**. Disponível em <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=cordao_71.htm>. Acesso em 25 de janeiro de 2017.

MATOS, A. F. A. **Ditadura, Mpb E Sociedade: A Música De Resistência Em Chico Buarque De Holanda**. Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Universitária de Campo Grande – MS. 2011, p. 2.

Music On The Run. **História do Disco**. Disponível em <<http://www.musicontherun.net/2016/09/discos-para-historia-chega-de-saudade-joao-gilberto-1959.html>>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música – história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Notícias UOL. **De novo não vai ter golpe**. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/31/de-novo-nao-nao-vai-ter-golpe-diz-chico-buarque-em-ato-no-rio.htm>>. Acesso em 17 de janeiro de 2017.

São Paulo. **Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/sergiobuarquedeholanda/index.php?p=5379>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

UAI. **Conheça 70 fatos marcantes da vida de Chico Buarque**. Disponível em <<http://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2014/06/15/noticias-musica,156289/conheca-70-fatos-marcantes-da-vida-de-chico-buarque.shtml>>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

UNE. **A UNE**. Disponível em <<http://www.une.org.br/>>. Acessado em 07 de junho de 2017.

Vida. **Vida**. Disponível em <<http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>>. Acesso de 06 de janeiro de 2017.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. **Da música seus usos e recursos**. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2007.

ZAPPA, R. **Chico Buarque: Para Todos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.